



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-
BRASILEIRA- UNILAB
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS - IHL
CURSO DE BACHARELADO EM HUMANIDADES- BHU**

MICHELLE ANDRADE ARAÚJO

**PERFORMANCE E ORALIDADE: O CONTADOR DE LENDAS DA
TRADIÇÃO INDÍGENA PITAGUARY DE MONGUBA.**

**REDENÇÃO-CE
ABRIL DE 2017**

PERFORMANCE E ORALIDADE: O CONTADOR DE LENDAS DA TRADIÇÃO
INDÍGENA PITAGUARY DE MONGUBA.

Projeto de Pesquisa do Curso de Bacharelado em Humanidades do Instituto de Humanidades e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira.

Orientadora: Profa. Dra. Fca. Rosália S. Menezes.

REDENÇÃO - CE

ABRIL DE 2017

**Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro- Brasileira
Diretoria do Sistema Integrado de Bibliotecas da Unilab (DSIBIUNI)
Biblioteca Setorial Campus Liberdade - BSCL
Catalogação na fonte**

Bibliotecário: Gleydson Rodrigues Santos – CRB-3 / 1219

A687p Araújo, Michelle Andrade.

Performance e oralidade: o contador de lendas da tradição indígena Pitaguary de Monguba. / Michelle Andrade Araújo. – Redenção, 2017.

25 f.: il.; 30 cm.

Projeto de Pesquisa do Curso Bacharelado em Humanidades do Instituto de Humanidade e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB.

Orientadora: Profa. Dra. Francisca Rosália S. Menezes.

Inclui figuras e referências.

1. Tradição oral. 2. Contaçon de história. I. Título.

CDD 398.0981

PERFORMANCE E ORALIDADE: O CONTADOR DE LENDAS DA TRADIÇÃO
INDÍGENA PITAGUARY DE MONGUBA.

Projeto de Pesquisa apresentado ao curso de Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como pré-requisito para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Aprovada em: 27 de abril de 2017.

BANCA EXAMINADORA:

Professora orientadora Dra. Fca. Rosália S. Menezes.

Profa. Dra. Silvia Maria Vieira dos Santos.

Prof. Dr. Roberto Kennedy Gomes Franco.

RESUMO

A pesquisa tem por objetivo investigar de forma qualitativa e a partir desta fazer um estudo etnográfico sobre o contador de lendas indígenas Pitaguary. Analisaremos o perpassar destas lendas e de que forma elas são contadas, criteriosamente será observado a performance do contador, os locais onde esta contação acontece, bem como, os ritos e as tradições do povo indígena Pitaguary de Monguba localizada no município de Pacatuba – CE. Foram realizadas algumas visitas a aldeia despertando o interesse pela pesquisa da tradição oral deste povo. A tradição oral é um registro tratado com pouca importância pelo povo ocidental que ressalta a escrita como comprovação da existência da cultura de determinado povo. Sabemos que a oralidade é a composição de testemunhos que são registrados oralmente de geração em geração, e que o registro não precisa ser escrito para ter veracidade. A oralidade é importante para a sobrevivência das histórias de um povo, o ato de contar dentro de uma comunidade indígena, renova, refaz e ressignifica a tradição oral na contação das lendas. A oralidade não depende da tradição escrita, os contadores de histórias fazem o uso dessa ferramenta como um exercício de sua função social. A oralidade é um elemento importante que afirma o caráter social da memória e faz com que haja troca de saberes aos indivíduos pertencentes ao grupo, é um instrumento socializador da memória. Nas culturas indígenas a tradição oral é uma ferramenta usada para o ensinamento, que agrega valor à memória através da prática social, do ato de narrar que dá significado às tradições, por meio da contação de histórias como um patrimônio imaterial. A tradição oral contribui para o processo de valorização das especificidades sócio culturais. A tradição oral se apresenta nos contos, nos mitos, nas canções, nas rezas.

Palavras chave: Tradição oral, Pitaguary, Contação de histórias, Performance.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

1 JUSTIFICATIVA	8
2 PROBLEMATIZAÇÃO	12
3 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	16
4 ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS.....	21
5 MÉTODOS	22
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	

INTRODUÇÃO

A comunidade indígena Pitaguary, que está localizada nos municípios de Maracanaú e Pacatuba, possui uma terra de 1735 hectares com aproximadamente 1400 índios. Ao todo são seis comunidades: Aldeia do Horto, Olho d'Água, Aldeia Nova, Santo Antônio do buraco, Central, e Monguba. Estas comunidades lutam pela posse da terra, reconhecimento histórico cultural e político.

Meu interesse de pesquisa pela comunidade Indígena Pitaguary surgiu através das visitas, conversas, participações em algumas das atividades do cotidiano da comunidade, mas principalmente através da escuta da fala de alguns moradores da comunidade, especialmente dona Augusta, uma anciã indígena de 93 anos e Rosa Pitaguary, uma das líderes da comunidade. Elas representam um manancial de memória das lendas, dos acontecimentos, práticas compartilhadas e dos ditos dos troncos velhos daquela comunidade. Esses encontros foram o móbil que despertou o interesse pela pesquisa da tradição oral desta comunidade.

O tema da oralidade sempre foi importante no meu percurso de experiência estudantil e docente. Exerci, por vários anos, a atividade de professora de teatro e de orientadora musical em escolas particulares e em espaços públicos, estas atividades me aproximaram do universo da performance oral que envolve além da voz, o gesto e o ritmo musical. Nesse contexto, desenvolvi a atividade de contadora de histórias, uma das mais importantes ferramentas de aprendizagem dentro do espaço escolar, mas também para além dele. Contar uma história é compartilhar uma memória, os modos de ser e de viver, os mitos e lendas, os hábitos e os valores privilegiados por uma determinada cultura.

Nesse sentido, a experiência do contador (a), o *Jurecê Cobé*, que em Tupy-Guarani significa “aquele que conta bem a maneira como se vive”, pode representar a fala, o canto, a dança que insiste na continuidade da tradição.

Ao redor do contador (a) poderá ocorrer um enlaçamento entre gerações, um sentimento de pertença a um passado comum que se torna presente pela fala, pelo canto, pelo gesto, um ato ritual revigorador que atualiza, através da oralidade, os modos de estar no mundo de um povo. Segundo GALLOIS, a continuidade da transmissão é o que caracteriza a oralidade:

A narrativa não precisa ser completa nem a descrição exaustiva, pois é na forma dialogada e na retransmissão que o argumento se constrói e toma sentido. Depende, portanto, da continuidade da transmissão dos símbolos próprios à cada cultura, em que as imagens reiteradas por uns são ouvidas e realimentadas por outros. (GALLOIS, 1994, p. 26)

Segundo ZUMTHOR (2000, p.59), o papel do contador de histórias, lendas, mitos e o continuador das práticas tradicionais de uma comunidade tem uma função reveladora, um papel educativo e aglutinador das identidades culturais. Nas comunidades tradicionais existem aqueles que se sobressaem como contadores, pois manifestam o domínio de uma prática aprendida com seus antepassados e que com o tempo esta prática torna-se uma técnica de repassar seus saberes através da arte de contar histórias; o público alvo é um interlocutor que não ouve somente, mas recebe daquele que transmite ensinamentos através da oralidade, a missão da continuidade perene dessas histórias. Entre os jovens que escutam as histórias de seus antepassados há um encontro que reúne muitos tempos em um só tempo, o tempo de sentar, ouvir, imaginar, lembrar e, quem sabe, ali está sendo gerado mais um contador ou contadora de histórias que vai garantir o repasse da sua cultura e a permanência de uma memória que persiste sempre se renovando através da performance oral de cada contador.

Dentro desta perspectiva de estudo e investigação, como também aprendizado dentro de um universo de tradição, memória historicidade é que se desenvolve este trabalho de pesquisa.

1- JUSTIFICATIVA

Pesquisar a relevância da presença e permanência da figura do Jurecê Cobé na comunidade dos Pitaguary justifica-se dada a importância da presença do contador como aglutinador da comunidade e de uma tradição que interliga as identidades indígenas por via da memória falada dos antigos. Nesse sentido, ressaltamos que estas falas, ou seja, a tradição da oralidade vivenciada e atualizada pelos antepassados, não só é um componente de resistência política, como também um elo de construção e valorização cultural. Uma ferramenta irrefragável no sentido de difundir o conhecimento dos modos de vida das práticas ancestrais e dos deveres sociais de um povo. A ancestralidade é antes de tudo uma imagem de tempo que uma comunidade partilha entre si. A oralidade é parte intrínseca da memória de um povo. Contrariando a ideia dos dias atuais de morte da essência cultural e histórica de uma comunidade, nas palavras de Pinheiro:

A palavra enunciada oralmente era o sinal da memória que ali se expressava, uma memória, ou várias, a transbordar pelos trechos de suas narrativas. Essa memória parecia pulsar num sentido contrário as alegações de morte da cultura, da história, da identidade do grupo. (PINHEIRO, 2002, p.13)

O povo Pitaguary, comunidade que é objeto de estudo desse projeto, reconhece na fala de seus ancestrais, um meio de preservar o conhecimento e os seus sentidos guardados como um artefato de memória que poderá contribuir para a formação cultural e de identidade dessa comunidade. Nesse sentido, a relevância desse projeto consta exatamente da tentativa de um resgate como continuidade desse processo que interliga a comunidade através da palavra contada pela tradição. O rompimento dessa tradição, ou seja, o desfazimento dessa teia de sentidos compartilhada dentre os membros da comunidade indígena Pitaguary, pode causar a perda de parte importante da identidade desse povo.

. A presença do contador (a) /continuador (a) das tradições e mitos e lendas de uma comunidade, representa, para aquela comunidade, um importante instrumento de mudança social na forma de reconhecimento de si através do outro, ou daquilo que o outro deixou como patrimônio, como herança que interliga passado e presente, memória e luta pela permanência. Um ato político de reconhecimento em âmbito nacional e

também governamental. A tradição oral está diretamente ligada a este reconhecimento.

A importância da oralidade também reside no seu registro, na sociedade contemporânea tecnológica fornece meios de perpetuar esse material, que uma vez gravado, transcrito e registrado transforma-se numa importante criação documental, uma forma de propiciar às novas gerações uma apropriação do passado de seus ancestrais, como uma antiga de troca de conhecimentos.

A história oral tem uma relação estreita com os laços culturais, tradição oral, memória e a linguagem. A utilização desta ferramenta dentro da comunidade está para além de uma simples contação de história, o que nos sugere pensar que o perpassar de suas lendas tem mais haver com a vontade de dar continuidade a cultura. Podemos enfatizar também a permanência de valores e hábitos com o compartilhamento das identidades a partir de um vínculo ancestral. A fala do contador relata as experiências que foram deixadas por uma geração que vai desaparecendo e que precisa repassar essas experiências para os mais jovens, que poderão fazer o fluxo da palavra contada correr novamente na tradição oral daquele povo.

Cascudo legitima o ato de contar a história através de um processo denominado de características do conto popular (CASCUDO, 2004, p.13). Segundo ele, a oralidade deve ser composta da seguinte estrutura:

- Antiguidade: é preciso que as histórias contadas sejam velhas na memória do povo;
- Anonimato: a sua autoria não é tão relevante;
- Divulgação: a forma de contar, os grupos, rodas, encontros deve estar presente na forma de perpassar os repertórios orais;
- Persistência: deve fazer parte de ritos constantes dentro da comunidade.

A memória, compartilhada entre os membros de uma determinada comunidade mantém a possibilidade de preservar os traços culturais, a imaginação, os modos e gestos da performance do contador (a) transmitindo aos ouvintes, ainda que não de uma forma preestabelecida, uma técnica, a performance do contados, seus meios de envolver o ouvinte e de chamar a atenção dos mais novos para que estes se envolvam de forma peculiar com as histórias. Os novos contadores sempre iram inventar novos formatos, renovar o ato performativo de contar, inserir novos gestos, mas procurando dar continuidade ao valor cultural e a ancestralidade de seu povo.

O valor da oralidade situa-se principalmente pelo seu elemento agregador, além de solicitar dos ouvintes um laço cultural que representa as características inerentes de

cada nação indígena, onde o contador é aquele que se apodera e domina as ferramentas da arte de contar a sua história. É um ato de testemunhos da atividade espiritual de um povo, um ritual das presenças compartilhadas, da roda feita em torno de um tema, de uma memória que intenciona perpetuar-se na voz, quem sabe, de um (a) jovem Jurecê - Cobé. É um rito que busca repassar algo que é reconhecido por uma determinada tradição, isto é, a performance do contador (a) de histórias é produzida por uma conduta que envolve um comportamento relativo às normas socioculturais daquela comunidade específica.

Ao mais velho cabe a responsabilidade e habilidade de repassar, não apenas uma memória, mas também uma conduta que reitera valores, tradições e até mesmo as ferramentas técnicas daquele que sabe contar. Nesse sentido, corpo, voz, cantigas e danças formam a complexidade da performance do contador. Para os mais novos e esse ato se configura de maneira lúdica, como se fosse um bastão do saber sendo passado a eles de forma nem sempre consciente, mas carrega a responsabilidade de seu legado, sua história, sua origem. A oralidade, e todos os artefatos e ferramentas didáticas contidas na performance do contador (a) de lendas, mitos e feitos de uma determinada cultura, representa parte importante no processo de fazer perpetuar suas histórias e construir uma memória social.

Segundo HOUIS (1980), a oralidade é a propriedade de uma comunicação realizada sobre a base privilegiada de uma percepção auditiva da mensagem.

A tradição oral proporciona a comunidade o fortalecimento das relações. Uma sociedade consciente, que busca manter viva a sua cultura torna a palavra em um ato ritual, que preserva a identidade, a reminiscência. O ato de contar, vai além da rememoração, significa eternizar a cultura, a torna viva, pulsante e que se renova, em todas as esferas e acima de tudo sustenta a memória coletiva.

De acordo com KROEBER (1917), a cultura mais do que a herança genética e material, determina o comportamento do homem e justifica as suas realizações. Os seres humanos dirigem suas ações em grande parte movidos por seus padrões culturais. Segundo a perspectiva do autor, podemos afirmar que os costumes e as crenças dão vida aos grupos étnicos no lugar que merece, ou seja, ajuda as tradições indígenas a se manterem vivas.

Desde os tempos mais remotos, existe o desejo do homem de passar seus conhecimentos, construir a base para o grupo vindouro, deixar registrado tudo o que

identificou a comunidade para que os próximos pudessem encontrar meios para embasar seus ritos e perpetuá-los. Numa sociedade sem escrita o único registro é a experiência existente nas histórias dos anciãos, os “jurecês” representam o elo de ligação entre dois tempos, dois momentos históricos distintos. A palavra contada eleva a memória de um povo a um lugar de sentido de pertencimento e valorização desta tradição.

A recepção, o ouvinte não é um ato passivo, é um receptor participativo, assim sendo, uma roda de conversa e/ou contação de história implica em despertar o indivíduo para ouvir, questionar e interpretar sua tradição. A ideia é usar o orador como ferramenta para construção da inteligência coletiva; o melhor é que em todas as rodas de conversa todos poderão participar com suas experiências, perspectivas e vivências sem ser feita a distinção dos que sabem mais e dos que sabem menos, porém com o desejo prioritário de reunir e compartilhar, de realizar trocas afetivas em experiências sociais, políticas e educativas, uma forma de resistência, que no caso da comunidade indígena Pitaguary, encontramos na presença da dona Augusta e Rosa Pitaguary.

Apesar desta construção de conhecimento coletiva, vale ressaltar que a consolidação dessas histórias vivenciadas, pode também partir de um só indivíduo:

Contudo, a história oral se serve da memória para refazer percursos vividos e reconstruir histórias de vidas cujas narrativas são consolidadas em experiências individuais e coletivas que se transformam em acervos históricos repletos de fatos e acontecimentos, mas também emoções e sentimentos, pois, como dito em Thompson (1992, p.17) “A memória de um pode ser a memória de muitos, possibilitando a evidência dos fatos coletivos”. (FONTES ORAIS EM PESQUISAS EDUCACIONAIS, 2015, p. 46).

Uma comunidade que aprende junto consegue ser mais forte, mais viva, sedimentar ao longo da história o seu legado e transmitir para as gerações futuras o orgulho de pertencer a esse grupo com a certeza de que deve defender a identidade coletiva e assim preservando suas raízes.

2- PROBLEMATIZAÇÃO

Este projeto de pesquisa visa conhecer e investigar as lendas de tradição oral indígenas Pitaguary por via da performance oral de seus contadores, a importância de suas práticas cotidianas de contação, as lendas que apresentam a relação do índio com a natureza, do índio com a ancestralidade, a obediência ou desobediência aos valores e hierarquias dentro da comunidade.

A lei 11.645/08, que inclui a obrigatoriedade do ensino da cultura indígena nas escolas, apesar de recente veio contribuir de forma significativa para o respeito e a valorização da cultura dos povos indígenas:

O sistema educacional brasileiro não contempla nossa herança cultural, formada a partir das heranças culturais europeias, indígenas e africanas. Os livros didáticos apresentam uma visão eurocêntrica da História de nosso país, perpetuando estereótipos e preconceitos. A aprovação da Lei 10.639/03, que torna obrigatório o ensino de História e Cultura Africana e Afro-Brasileira nas escolas de Ensino Fundamental e Médio, substituída, em 2008, pela Lei 11.645/08, que inclui também o ensino de História e Cultura Indígena, vem sanar uma dívida social e uma lacuna, a ausência em nossa história desta diversidade cultural. Com a promulgação destas Leis se espera promover uma educação que reconheça e valorize a diversidade cultural, tornando a educação comprometida com as origens do povo brasileiro. (BORGES, revista Mest. Hist. Vol 12 p.76, 2010).

Muito recentemente na história do Brasil, sabe-se que tem sido questionada a obrigatoriedade dessa lei e que a sua inclusão no currículo escolar não é garantida. Existe uma grande resistência dentro da nossa sociedade com relação a nossa pertença indígena, muitos veem o índio como algo exótico, avesso à modernidade e selvagem. Uma comunidade que não se enquadra dentro das exigências do sistema capitalista e não acompanha as mudanças sociais.

E ao adentrarmos em uma comunidade, em nosso caso a pesquisa referente a comunidade indígena Pitaguary na aldeia de Monguba, vemos que toda a sociedade está imersa ao senso comum e que, dentro da comunidade, é latente a organização política social indígena pesquisada e está inscrita na sociedade como um todo, sendo assim, ela é coparticipante de toda a transformação social, globalização, política. A necessidade de evolução está para além de um senso comum. Há uma necessidade, além da sobrevivência, de comunicação, portanto se modernizou assim como qualquer outra

sociedade, independente de sua especificidade étnica.

O povo Pitaguary se destaca por sua cultura, artesanato, língua e costumes. A luta pelo reconhecimento de sua cultura e pela inserção da educação indígena dentro do currículo escolar visa principalmente a combater os estereótipos arraigados na sociedade brasileira sobre o que significa ser índio, pois grande parte da população desconhece a riqueza e a singularidade da cultura indígena e se desconhece enquanto descendente dessa cultura.

Ao sentar a roda para ouvir o Pajé Barbosa ou os “jurecês” contando uma lenda, a dança do Toré, as pinturas corporais, as caminhadas junto ao trilho, colhendo sementes para o artesanato, o banho no açude, o batizado para receber o nome indígena, são exemplos dos ritos que caracterizam a singularidade da cultura indígena dessa comunidade.

Conectaremos o povo Pitaguary com as escolas que não são de tradição indígena, mas que podem vivenciar a educação indígena através do rito de contação de histórias. Ao ouvirmos a lenda contada por um índio Pitaguary, nós, participantes deste rito, recebemos a missão de fazer com que a perpetuação desta tradição seja vigente e desejamos que esta roda de conversa não seja algo esporádico dentro desta comunidade, mas que seja um sistema periódico que faça parte de seu cotidiano.

Os registros orais têm seus objetivos, suas formas de captação aparecem de formas variadas e ecléticas, como filmes sobre o cotidiano e contação das lendas, registros de áudio. O próprio decorar e repassar a memória de um povo transpassa o imaginativo individual para se fixar a uma memória coletiva. A história oral é um documento que não se difere da história escrita.

O Brasil, que tem mais de 500 anos, desconhece e ignora a imensa sócio biodiversidade nativa e contemporânea dos povos indígenas. Não se sabe ao certo sequer quantos povos e nem quantas línguas nativas existem. O reconhecimento, ainda que parcial desta diversidade, não ultrapassa os restritos círculos acadêmicos especializados. Hoje, um estudante ou um professor que quiser saber algo mais sobre os índios brasileiros contemporâneos, aqueles que sobraram depois dos Tapuias, Tupiniquins, Tupinambás, terá muitas dificuldades. (CARLOS ALBERTO RICARDO, IN A TEMÁTICA INDÍGENA NA ESCOLA).

A lei 11.645/08 foi promulgada para atender as lideranças indígenas e aos estudiosos da questão indígena, para que esta seja uma ferramenta usada na educação

brasileira e a mesma, por sua vez, reconheça a diversidade cultural e étnica que compõe a nossa sociedade. Pouco sabemos e mal conhecemos a história e os modos de vida dos povos indígenas brasileiros, os esforços dos índios e dos que se interessam por esta cultura nos trouxeram alguns avanços, mas precisamos aprofundar e nos debruçarmos com mais veemência no conhecer das tradições indígenas.

Faltam informações de qualidade e essa ausência de conhecimento gera em nossa sociedade um preconceito para com os povos indígenas, que conseqüentemente esta última prolifera um pensamento social e uma ignorância que cria um estereótipo relacionado ao viver indígena. Importante problematizar os meios possíveis de ultrapassagem da visão social da cena caricata dos índios nus, de arco e flecha que sobrevive da caça e da pesca, atrasados e aquém do convívio social, imagem construída em grande parte pelos livros didáticos que insistem numa imagem de índio despolitizada, colonizada e romantizada. O não reconhecimento de suas lendas e tradições coloca o indígena na condição de refém intelectual de uma sociedade leiga, que não conhece bem seus conterrâneos, cada vez mais alheia, desinformada e distante de seus antepassados históricos.

O desconhecimento sobre a situação atual dos povos indígenas está associado basicamente à imagem do índio que é tradicionalmente veiculada pela mídia: um índio genérico com um biótipo formado por características correspondentes aos indivíduos de povos nativos habitantes na Região Amazônica e no Xingu, com cabelos lisos, pinturas corporais e abundantes adereços de penas, nus, moradores das florestas, de culturas exóticas etc. Ou também imortalizados pela literatura romântica produzida no Século XIX, como nos livros de José de Alencar, onde são apresentados índios belos e ingênuos, ou valentes guerreiros e ameaçadores canibais, ou seja "bárbaros, bons selvagens e heróis" (SILVA, 1994).

O conhecimento sobre a diversidade dos povos indígenas é restrito aos que convivem na comunidade e aos que se interessam em pesquisar sobre o modo de vida dos índios. A desinformação nos leva a ver os índios como pessoas focadas no passado que está sempre ao serviço do colonizador.

É corriqueiro vermos nas escolas brasileiras a disseminação dos estereótipos para com os indígenas no dia 19 de abril sendo comemorado com pinturas no corpo das crianças, que as deixam seminuas, retratando ali o atraso indígena e a não representação política do índio como um líder que exerce função importante na sociedade.

Vemos o povo indígena como pessoas desprovidas de falta de escrita, governo, tecnologia e do não manejo com a cultura social moderna. Fomos ensinados a entender que o índio brasileiro é omissos, preguiçosos, e que seu papel social na história do Brasil é genérico, e assim ignoramos a diversidade que existe nesta cultura. Além disso, não damos a especificidade regional de cada povo. Cada aldeia, cada comunidade indígena tem a sua singularidade. Generalizamos os traços culturais próprios de cada povo para todos os povos indígenas e queremos pensar o índio como uma briga constante entre o índio puro e o índio civilizado.

Sendo assim, como valorizar, ou até mesmo, respeitar algo tão inerente, intrínseco a sua cultura como as contações de história? Somente com uma pesquisa minuciosa, um estudo aprofundado para tomarmos consciência do quão é importante tal tradição oral.

3- REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

A memória coletiva se constrói pela solidificação dos fatos sociais nas memórias individuais de um grupo, que no caso é o povo indígena Pitaguary, que se reconhece como tal através da tradição construída coletivamente por membros da comunidade, tais quais como os ritos coletivos, as datas oficiais, eventos políticos, cujas lembranças originárias das experiências são práticas exercidas por todos que se inserem nessa comunidade. HALBWACHS (2004) considera a memória coletiva comum a uma comunidade afetiva. Nesse sentido, a memória refere-se à construção cultural de um povo em um contexto, um espaço temporal, social e comunitário, formador das tradições. A memória compartilhada enriquece o cotidiano comunitário.

Câmara Cascudo (2004) sistematiza os contos populares que integram as tradições orais inerentes a cada cultura. A história oral é viva quando perpassada de geração em geração fazendo com que o ato de contar transforme uma história antiga em atualizada e presente no cotidiano de quem conta e de quem ouve.

A antiguidade, o anonimato, a divulgação e principalmente a persistência são um ciclo de aprendizagem vivencial que transforma o cenário sócio cultural dentro da comunidade. A repetição deste ciclo é o que mantém viva a tradição oral. O texto da tradição oral está imerso em uma cultura e em uma ideologia que lhe conferem a maioria de suas características. Essas características relacionam-se diretamente com a história social de cada um da aldeia.

A transmissão dos saberes feita oralmente pelo povo, de geração em geração, isto é, de pais para filhos, ou de avós para netos. Estes saberes tanto podem ser os usos e costumes das comunidades, como também, podem ser os contos populares, as lendas, os mitos e muito outros textos que o povo guarda na memória. Conhecido como patrimônio oral ou patrimônio imaterial. Através deles, cada povo marca a sua diferença e encontram-se como as suas raízes, isto é, revela e assume a sua identidade cultural. (IN ALEXANDRE PARAFITA “HISTÓRIAS DE ARTE E MANHAS”, 2005).

A tradição oral tem a função de preservar histórias e de garantir as novas gerações o conhecimento dos antepassados. Em muitos lugares, a oralidade é a única forma de resgatar e preservar a ancestralidade. Os ensinamentos da tradição oral são importantes para nos mostrar a necessidade de um conhecimento cultural e o

aprendizado em diversas áreas, como no manejo da agricultura, animais, respeito às hierarquias etc.

Este resgate oral é a pedra fundamental de preservação da memória de um povo, ao conhecermos a história dos nossos ancestrais, podemos entender a nossa trajetória que nos faz estarmos hoje no presente, seguindo funções que outrora foram realizadas por antigos na sociedade. Tornamo-nos agentes de transmissão da memória, somos responsáveis por manter viva e atuante nessa cultura oral.

A tradição oral se apresenta nos contos, nos mitos, nas canções, nas rezas. Vemos a importância da palavra no uso habitual dos Pajés, nas rezadeiras, nos curandeiros, que faz a oralidade ser à base da fé. Nesse contexto, é indubitável o poder da palavra falada. É através da oralidade que os povos constroem sua cultura, e que o indivíduo é capaz de construir sua identidade cultural. Não é somente uma função de repasse de histórias, mas de construção cultural de um povo de efetivação da memória coletiva que está presente em cada história contada.

Segundo LEITE (1998, P.16) “A oralidade é também uma atitude perante a realidade e não a ausência de uma habilidade”. A autora ressalta que a oralidade ainda passa por um preconceito ocidental, essa prática para os europeus está obsoleta, é primitiva e foge totalmente da ideia europeia de civilização.

A tradição oral era considerada primitiva e os folcloristas europeus estudaram o seu patrimônio oral considerando-o como formas sobreviventes de um estágio inicial. [...] A literatura oral era encarada como uma manifestação primária, simples, não sujeita a trabalho reflexivo, e um produto de uma comunidade, enquanto a literatura escrita revelava o oposto, final conclusivo de um processo de desenvolvimento: complexa e resultante do trabalho de um só autor” (LEITE, 1998, p. 19).

Não há povo sem narrativas orais em sua história, sabe-se que no início as sociedades não dominavam a escrita, podemos pegar o exemplo da dominação do cultivo da mandioca que foi repassada através da tradição oral indígena para que uma sociedade hodierna consiga manter viva essa tradição.

As narrativas da tradição oral se conservam ao longo do tempo por que ainda são transmitidas pela oralidade. A tradição oral contribui para o processo de valorização das especificidades sócio culturais. É uma forma de transmissão de conhecimento que tem como objetivo formar, conscientizar, ensinar e difundir informações. A história oral já

foi considerada limitada pelo seu caráter subjetivo, mas a consideramos hoje como uma ferramenta que nos faz entender os processos de mudanças históricas dentro de uma vida em comunidade.

Nas culturas indígenas a tradição oral é uma ferramenta usada para o ensinamento, que agrega valor à memória através da prática social, do ato de narrar que dá significado às tradições, por meio da contação de histórias como um patrimônio imaterial. Nessa perspectiva, a nossa pesquisa se fará presente no cotidiano diário do povo indígena Pitaguary.

Segundo SOUZA (2003), os indígenas dividem suas narrativas em dois grandes grupos: as histórias de hoje e as histórias de antigamente. As histórias de hoje são narrativas históricas de autoria individual, que tratam de fatos e acontecimentos situados no presente atual, como por exemplo, a luta pela demarcação de territórios. Já as histórias de antigamente são narrativas originadas da oralidade performática e mítica, geralmente de autoria coletiva, que tratam de fatos e acontecimentos situados no “tempo de antigamente”, também chamado de presente anterior ou tempo mítico.

Na tradição oral, o texto recai unicamente na memória do narrador, ao falarmos de tradição indígena podemos analisar que o texto oral está ligado aos mais velhos que são considerados mais sábios, cabendo a eles a função de repassar para os mais novos.

Inicialmente, a transmissão por via oral está exposta a deformações muito mais numerosas e muito mais profundas do que a da tradição escrita. Confusões, lapsos, contrassensos, nada menos fiel do que a memória: Num ponto, lacunas, artificialmente preenchidas a posteriori, ou, ao contrário, aproximações ilegítimas, amálgamas, adições. Ainda que a escritura obrigue o copista ou o editor a escolher entre os diferentes estados possíveis do texto oral a memória que conserva lado a lado variantes múltiplas versões. (CALVET, 2011, p.52-53)

A memória oral é o passado e o presente se encontrando com o objetivo de perpetuar em novas performances rituais a cultura ao longo da história.

CALVETI fideliza a transmissão oral através dos processos de memorização e improvisação, segundo ele, o texto de tradição oral que pode ser julgado como imperfeito em sua reprodução através da oralidade é na verdade, um princípio constitutivo, está ligado ao estilo oral de quem conta para poder facilitar a memorização por parte do contador e a compreensão por parte do ouvinte. Cada fala do contador é uma recriação, ele também é um artista que domina o jogo do tom, da fala para atingir o

objetivo aonde se quer chegar. (CALVETI 2011, p. 54-55).

Mesmo depois da literatura escrita se fixar no cotidiano atual, a oralidade continua sendo um elemento muito importante a exercer um papel de convencimento e influência. Segundo LEITE (1998), “A oralidade é também uma atitude perante a realidade e não a ausência de uma habilidade e a fronteira que separa a literatura da oralidade não é assim tão nítida”.

As sociedades ocidentais com preconceito reproduzem o discurso de que uma sociedade que pratica a oralidade, não tem história, é considerada primitiva, pois a mesma não registra sua cultura através da linguagem escrita. A tradição oral expressa a construção sócio cultural principalmente dentro de uma comunidade indígena.

Para os indígenas a perda de memória de suas histórias e tradições significa para a comunidade o mesmo que a condenar ao extermínio. A memória, a oralidade as narrativas indígenas têm como objetivo fomentar dentro da comunidade uma identificação cultural e a construção de pertencimento as origens e tradições inerentes a determinado povo.

A oralidade é um elemento importante que afirma o caráter social da memória e faz com que haja troca de saberes aos indivíduos pertencentes ao grupo, é um instrumento socializador da memória, ele aproxima a história ao espaço cultural. Essa memória é possível através das transmissões das narrativas através da oralidade. O ato de contar alimenta a imaginação e através da linguagem verbal os povos indígenas transmitem a suas experiências cotidianas. O contador indígena detém o poder da oratória, ele vivencia de forma latente as experiências que ele conta com naturalidade, com propriedade de quem acumulou experiência e domínio de sua prática com o passar do tempo. Ele toma posse da memória coletiva, da cultura e da tradição do seu povo. O ato de contar cria dentro da comunidade um efeito de socialização, de informação, e de educação, enriquecendo a cultura estimulando a imaginação e a inteligência despertando emoções e desenvolvendo senso crítico.

O valor dessas narrativas é atemporal, tem um caráter ancestral que dinamiza e enriquece as trocas de saberes dentro de uma comunidade. As lendas indígenas ao serem contadas são repassadas em um ritual compartilhado. Quem conta acredita na veracidade do fato que a história retrata. Em *O livro da vida Pitaguary*, podemos observar que a lenda da pedra do fogo que rola do alto da serra, que dá nome à escola indígena presente na comunidade, Itá - Ara, é a história mais contada entre os indígenas

pertencentes a esta comunidade junto com a história da mangueira sagrada, local onde os antepassados dos índios Pitaguary eram castigados. (O LIVRO DA VIDA PITAGUARY, 2007).

A tradição oral é a composição de testemunhos que são registrados oralmente de geração em geração; o apelo verbal é uma característica que torna essa forma de registro muito particular, pois ao contrário da escrita que é acompanhada de um manuscrito para corroborar sua veracidade, a descrição oral muda com a influência de cada indivíduo que se propõe a ser um agente dessa construção.

A oralidade é importante para a sobrevivência das histórias de um povo, o ato de contar dentro de uma comunidade indígena, renova, refaz e ressignifica a tradição oral na contação das lendas. Fazendo assim com que a persistência da oralidade adquira um contexto político de luta e resistência.

A oralidade não depende da tradição escrita, os contadores de histórias fazem o uso dessa ferramenta como um exercício de sua função social. A palavra comunica conteúdos e visões de mundo.

Os objetivos de quem transmite a história oral são variados, os quais perpassam por ensinar, entreter, reunir e agregar valores à identidade cultural. Os valores socioculturais de um povo dão veracidade e legitimidade ao narrador, quando este se propõe a repassar através da oralidade os saberes aprendidos outrora por seus antepassados.

A oralidade é uma prática social. É por meio da memória e da contação que, a memória coletiva institui a memória social.

As histórias podem ser contadas na beira da fogueira, no caminho do trilho, em baixo do pé de Juá, no alpendre da avó Augusta. O que importa é que as histórias sejam transmitidas e repassadas de forma cotidiana e duradoura, “Transportadas pelas palavras impregnadas de magia e poeticidade” de seus narradores (SILVA, 2013, P.60).

4- ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

O epistemólogo suíço Jean Piaget (1896-1980), já dizia que quando a criança entra em contato com experiências novas, ouvindo ou vendo coisas que para ela são novidades, acaba inserindo esses conteúdos às estruturas cognitivas que possuía anteriormente, construindo significados e assim aumentando o seu conhecimento, somando o novo ao que já vivenciou.

Percebemos que a oralidade no ato de contar as lendas, além da sua importância como auxílio no convívio social, abrange para além do comportamento, ela anda pelo espaço mítico psicológico de cada um que é ouvinte.

Os indígenas colhem esses aspectos sociais e de crenças ainda na sua infância, nessa fase a semente de afirmação de cultura é plantada, as rodas de conversa são estimuladas e a luta é para que isso não seja perdido.

Mesmo adultos, quando entramos em contato com essas lendas, chegaremos no primeiro estágio, como as crianças, é o primeiro contato que temos, mas a visão de mítico ou fantasioso de criança é trocada pelo aspecto técnico acadêmico, podemos nos surpreender com a evolução da formatação dessas histórias de quando é contada por um ancião e a mesma história contada por uma criança. Levaremos a crer que a forma de contar pode mudar, mas o que caracteriza nossa pesquisa é a preservação dessas lendas e o que ela agrega no convívio em sociedade e afirmação de uma cultura. A partir da construção de valores começa então a materialização do seu pensamento e sua afirmação étnica através das vivências com o corpo, do modo de falar e como repassar o que foi aprendido a partir dessas tradições orais, esse é o segundo estágio.

O apagamento, ou o contínuo silenciamento dessas experiências de memória é um dos problemas que assolam as comunidades indígenas. O não reconhecimento de fato das terras demarcadas, o desrespeito às lideranças por parte de indígenas e não indígenas, não só por apelação política, mas por ilusão ou mesmo corrupção provocada pelo apelo financeiro, o desrespeito ao local que antes era sagrado pode se tornar uma forma de atividade lucrativa. Isso acaba por colocar no passado as tradições e colocar em alta outras prioridades, que nesse caso a natureza é vítima e deixa de ser parceira do convívio social e religioso de um povo. Sair da luta interna e colocar prioritariamente a valorização da cultura é algo desafiador, pois para adquirir real valor, a tradição oral deve ter como base os próprios indígenas.

5- MÉTODOS

Em primeira instância, realizaremos uma pesquisa de campo baseada na observação e conhecimento local, visitando a aldeia. A partir da mesma, iremos focar nos personagens dessa permanência e continuidade oral, como as anciãs, lideranças sociais, e liderança religiosa. Investigaremos quem são os locutores das lendas e histórias indígenas Pitaguary. Nosso interesse é identificar se a tradição oral é um costume presente que interfere nos aspectos do cotidiano da aldeia. Simultaneamente realizaremos uma pesquisa bibliográfica, buscando atualizar as fontes de pesquisa científica na área de interesse do projeto.

As entrevistas serão gravadas via vídeo e áudio em formato MP4 e MP3. Participaremos dos rituais coletivos como o toré, pajelança, batismos indígenas, datas pontuais, como o ritual da mangueira que acontece no dia 12 de junho segundo *O livro da vida dos Pitaguarys* e rodas de conversas, nas quais venham a acontecer o cerne da pesquisa: as contações de lendas e histórias.

Através de visitas periódicas, faremos anotações em um caderno que servirá de base para posteriormente escrevermos a etnografia, que será o produto final desse projeto de pesquisa. Usaremos o método de pesquisa qualitativa, pois segundo MINAYO ele explica a pesquisa qualitativa como conjunto de técnicas de pesquisa para a construção e entendimento de uma realidade:

A pesquisa qualitativa é o caminho do pensamento a ser seguido. Ocupa um lugar central na teoria e trata-se basicamente do conjunto de técnicas a ser adotada para construir uma realidade. A pesquisa qualitativa, no entanto, trata-se de uma atividade da ciência, que visa a construção da realidade, mas que se preocupa com as ciências sociais em um nível de realidade que não pode ser quantificado, trabalhando com o universo de crenças, valores, significados e outras construções profundas das relações que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (MINAYO, 2003 p.16-18)

A pesquisa qualitativa não visa prioritariamente a dar ordem e/ou a mensurar os eventos estudados, nem faz análise estatísticas de dados, procura obter dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, procurando compreender os acontecimentos segundo a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo

(GODOY, 1995, p.58).

GIL (1991, p. 46) nos ajuda a refletir que o processo metodológico qualitativo perpassa por três âmbitos: estudos exploratórios, descritivos e explicativos.

A pesquisa exploratória envolve levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas que tiveram (ou tem) experiências práticas com o objeto pesquisado, no caso as lendas e histórias indígenas Pitaguary e análise de exemplos que estimulem a reflexão. As pesquisas exploratórias, segundo GIL (1999, p. 43) visam a proporcionar uma visão geral de um determinado fato, mas de caráter aproximativo com o objeto estudado. Tendo como base esse conceito, no decorrer da pesquisa desse projeto iremos corriqueiramente permanecer na aldeia noites e/ou dias para vivenciar de forma aproximada os hábitos cotidianos da aldeia Pitaguary localizada em Monguba- Pacatuba.

Nosso primeiro contato com os Pitaguaries se deu através de uma visita despreziosa a aldeia, ali tivemos a oportunidade de conhecer Rosa Pitaguary, prima do Pajé, sobrinha da índia mais velha da aldeia. Rosa desenvolve uma forte liderança dentro de sua comunidade, é uma articuladora política, além de artesã, mãe e contadora de histórias, ela será umas das importantes personagens desse projeto de pesquisa, pois segundo nossa perspectiva, ela representa a força feminina de continuidade que interliga o passado dos antigos aos interesses dos mais jovens.

REFERÊNCIAS

- BORGES, Elisabeth Maria de Fátima, *A inclusão da história e da cultura Afro-brasileira e indígena nos currículos da educação básica*. Revista Mest. Hist. Vol 12 p.76, 2010.
- CALVETI, Louis-Jean. *Tradição oral & tradição escrita*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *Contos tradicionais do Brasil*. São Paulo: Global, 2004.
- FIALHO, Lia Machado Fiúza, SANTANA, José Rogério, VASCONCELOS, José Gerardo. *Fontes orais em pesquisas educacionais*, p. 46 2015.
- GALLOIS, Dominique Tilkin. Mairi revisitada. *A reintegração da Fortaleza do Amapá à tradição oral dos Waiãpi*. São Paulo: NHII-USP/FAPESP, 1994.
- GIL, Antônio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social* – 3º edição, São Paulo 1991.
- GIL, Antônio Carlos. *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social* – Edição reformulada. São Paulo: Atlas, 1999, p. 43.
- GODOY, A. S. *Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades*. In: Revista de Administração de Empresas. São Paulo: v.35, n.2, p. 57-63, abril 1995.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo. 2004
- HOUIS, M. Oralité et scripturalité. In: *Elements de recherche sur les langues africaines*. Paris: Agecoop, 1980, p.12.
- KROEBER, Alfred. *O Superorgânico*" (in American Anthropologist, vol.XIX, nº 2, 1917.
- LEITE, Ana Mafalda. *Oralidades e escritas nas literaturas africanas*. Lisboa: Edições colibri, 1998.
- LINHARES, Ângela Maria Bessa. *O livro da vida Pitaguary vol 2*. Fortaleza 2007.
- MINAYO, M.C. de S. (Org.) *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 22 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

PALITOT, Estevão Martins. *Na mata do Sabiá*. Fortaleza: Secult/ Museu do Ceará/ IMOPEC, 2009.

PINHEIRO, Joceny de Deus. *Arte de contar exercício de rememorar: História, memórias e narrativas dos índios Pitaguary*. 2002.

RICARDO, Carlos Alberto. “Os índios” e a sociodiversidade nativa contemporânea no Brasil. In: SILVA, Aracy Lopes da; GRUPIONI, Luís Donizete Benzi (org.). *A Temática Indígena na Escola: Novos Subsídios Para Professores de 1º e 2º Graus*. São Paulo: Global, 2004.

SILVA, Edson. *Povos indígenas e o ensino de história: Subsídios para a abordagem da temática indígena em sala de aula*. Revista História & Ensino, Londrina vol 8. 2002.

SOUZA, Lynn Mario T. Menezes de. *As visões da anaconda: a narrativa escrita indígena no Brasil*, 2003. Revista Semear.

ZUMTHOR, Paul. *Performance, Recepção, Leitura*. São Paulo: EDUC, 2000.